

Veloso, L. C; Silva, A. C; Silva, C. L. L. B.



PESQUISA

HPV: percepção das portadoras em relação ao diagnóstico da doença
HPV: perception of the carriers in the diagnosis of disease
VPH: la percepción de los portadores en el diagnóstico de la enfermedad

Laurimary Caminha Veloso¹, Aberlânia da Costa Silva², Clara Leane Lemos Barbosa Silva³

RESUMO

A infecção genital provocada pelo papilomavírus humano (HPV) está cada vez mais comum. O objetivo foi descrever e analisar a percepção das pacientes diante do diagnóstico positivo para o HPV. Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Foram entrevistadas 10 mulheres que estavam em tratamento no ambulatório de uma maternidade pública de Teresina-PI, no período de outubro e novembro de 2010. Para produção dos dados utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada. Durante a análise dos dados observou-se o nível de conhecimento das entrevistadas, em relação à doença, a sua forma de transmissão e a gravidade. Analisou-se também, os sentimentos que as pacientes viveram com a descoberta da patologia, evidenciando as categorias: A) Percepção das pacientes em relação ao diagnóstico positivo para o HPV; B) Atitude frente ao diagnóstico do HPV; C) HPV x Câncer de Colo de Útero. Em razão do nível de conhecimento, os sentimentos das pacientes trouxeram um grande desafio aos profissionais de saúde, que estaria na promoção e abordagem de temas com DST's. **Descritores:** DST. Condiloma. Câncer uterino.

ABSTRACT

Genital infection caused by human papillomavirus (HPV) is increasingly common. The objective was to describe and analyze the perceptions of patients before a positive diagnosis for HPV . This is an exploratory study with a qualitative approach . 10 women who were undergoing treatment at the clinic of a public hospital in Teresina -PI , between October and November 2010 were interviewed . Production data was used with semi - structured interview . During the data analysis we observed the level of knowledge of the interviewees regarding the disease , its mode of transmission and severity . Also analyzed the feelings that patients lived with the discovery of the disease , showing categories : A) perception of patients regarding diagnosed positive for HPV , B) Attitude to diagnose HPV C) x HPV Cancer cervix . Because of the level of knowledge , the feelings of the patients brought a great challenge to health professionals , who would be in promoting and addressing issues with STDs. **Descriptors:** STD. Condyloma. Cervical Cancer.

RESUMEN

La infección genital causada por el virus del papiloma humano (VPH) es el objetivo cada vez común. O fue describir y analizar las percepciones de los pacientes antes de un diagnóstico positivo para el VPH . Se trata de un estudio exploratorio con abordaje cualitativo . 10 mujeres que estaban en tratamiento en la clínica de un hospital público de Teresina -PI , entre octubre y noviembre de 2010 fueron entrevistados . Los datos de producción se utilizó con la entrevista semi -estructurada. Durante el análisis de los datos se observó el nivel de conocimiento de los entrevistados con respecto a la enfermedad , su modo de transmisión y la gravedad . También analizó los sentimientos que los pacientes vivían con el descubrimiento de la enfermedad, mostrando las categorías: A) la percepción de los pacientes en relación diagnosticado positivo para el VPH , B) La actitud de diagnosticar HPV C) x VPH Cáncer Cuello uterino . Debido al nivel de conocimiento, los sentimientos de los pacientes llevaron un gran desafío para los profesionales de la salud, que estarían en la promoción y abordar los problemas con enfermedades de transmisión sexual. **Descritores:** enfermedades de transmisión sexual. Condiloma. Cáncer uterino.

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente da Faculdade Santo Agostinho-FSA - Teresina/PI

² Graduando em Enfermagem pela Faculdade Santo Agostinho- Teresina /PI

³ Graduando em Enfermagem pela Faculdade Santo Agostinho- Teresina /PI

Veloso, L. C.; Silva, A. C.; Silva, C. L. L. B.

INTRODUÇÃO

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) são pertencentes a um grupo de doenças endêmicas e de múltiplas causas, que incluem as doenças venéreas clássicas, com síndromes que têm como especialidade a transmissão durante a atividade sexual. Consideradas um problema de Saúde Pública, é de acordo que todos os profissionais de saúde devem estar empenhados para o controle e o não aprofundamento de doenças, tanto na parte fisiológica como no aspecto psicológico, resultante dessa forma de transmissão.

O crescimento da ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis (DST), sobretudo em mulheres jovens, conferiu ao Brasil o rápido aumento de casos de AIDS na população feminina descrito no mundo. A questão que chamou a atenção em mulheres com DST foi o fato de que sua preocupação não é com sua saúde em si, mais o impacto provocado por ter contraído a doença e as incertezas a partir dela.

Segundo Brasil (2006), a Organização mundial de saúde (OMS) estimou que mais de 560 milhões de novos casos não curáveis, incluindo o herpes genital (HSV-2), infecções pelo papilomavírus (HPV), hepatite B (HBV) e infecção pelo HIV, ocorrem anualmente no Brasil. Dentre essas DST's à infecção pelo papilomavírus humano (HPV) tornou-se uma das mais prevalentes (AZEVEDO et al., 2006).

O Papilomavírus Humano (HPV) é uma doença infecciosa, de transmissão frequentemente sexual, cujo agente etiológico é um vírus DNA não cultivável do grupo papovírus. Atualmente existem mais de 100 tipos e cerca de 20 deles possuem tropismo com epitélio escamoso do trato genital inferior. A patologia está dividida em 2 grupos, de acordo com seu potencial oncogênico. Os de baixo risco estão associados às infecções de formação

benigna, tais como condiloma acuminado e também à neoplasia intra-epitelial cervical-NIC I. Os de alto risco são os números 16 e 18 que estão relacionados ao diagnóstico de câncer de colo de útero (BRASIL, 2006).

No Brasil, o HPV 16 é o tipo predominante nos cânceres cervicais invasivos nas regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sudeste. Em relação a outros tipos de HPV (18,31 e 33), observam-se variações regionais, sendo que na maioria o segundo mais prevalente é o HPV 18, com exceção da região centro-oeste, em que predomina o HPV 33, e na região nordeste, onde o HPV 31 é o segundo em prevalência (ROSA et al., 2009).

A maioria das formas de apresentação são assintomáticas e transitórias, onde em torno de 70% das infecções novas regridem com 1 ano de tratamento. O tipo de HPV, a carga viral, a persistência do vírus são importantes para o tipo de tratamento e progressão da doença (BELDA, 2009).

A infecção por HPV pode apresentar-se na forma clínica, subclínica e latente de infecção, e conforme as alterações morfológicas produzidas podem ser diagnosticadas em citologias de raspagem cérvico vaginais e biópsias. É um vírus que vive na pele e nas mucosas genitais, como vulva, vagina e colo do útero. A infecção inicia no tecido epitelial, onde pode permanecer por um período de latência, ao tempo que também possa existir uma reativação ou infecção persistente (BRASIL, 2006).

A taxa de transmissão é alta, podendo chegar a 70%, sendo a sexual a forma mais comum. A transmissão por fômites ocorre por meio de objetos de uso pessoal, aparelhos médicos, objetos sexuais, dentre outros. Na contaminação vertical mãe-feto se dá por meio do líquido amniótico ou durante o trabalho o parto normal. Pode-se falar da lesão na cavidade oral

Veloso, L. C.; Silva, A. C.; Silva, C. L. L. B. originária de uma relação sexual oral ou contaminação salivar, bem como as perineais e perianais não são, necessariamente, causadas por prática do sexo anal (CARVALHO, 2007).

Traduz-se que, no curso da vida, pelo menos 50% dos indivíduos sexualmente ativos irão adquirir algum tipo de HPV, 80% das mulheres entrarão em contato com algum HPV até os 50 anos de idade. Segundo Smeltzer e Bare (2005) os fatores de risco mais contundentes partem daqueles que são parceiros sexualmente ativos, possuem múltiplos parceiros sexuais e fazem sexo com parceiros que tem ou tiveram múltiplos parceiros. O consumo de álcool e drogas são fatores de riscos, já que ambos podem comprometer a tomada de decisão, julgamento e auto cuidado.

Dependendo da localização e extensão das lesões, é proposto o tipo de tratamento que pode ser desde as terapias tradicionais (aplicação de ácidos), terapias com laser e remoção cirúrgica. O objetivo principal do tratamento da infecção pelo HPV é a remoção das lesões condilomatosas, em pacientes que as tem. Os tratamentos disponíveis não erradicam ou afetam a história da infecção natural do HPV. Nenhum dos tratamentos é superior ao outro, cada um é eficaz ao tipo de HPV indicado para aquela carga viral (TRABULSI; ALTERTHUM, 2006).

Como forma de apresentação do HPV, o condiloma acuminado, é o mais evidente nas mulheres contaminadas na atualidade. Seu diagnóstico restringe-se ao aspecto clínico e patológico, disponibilizando métodos de biologia molecular que detectam seqüência de DNA do HPV, possibilitando determinar o tipo específico do mesmo (BRASIL, 2006).

Segundo Belda (2009), durante a evolução da doença, esta pode vir acompanhada por infecção secundária, que justifica o aparecimento de lesões condilomatosas em áreas extragenitais. Estima-se que no mundo existem cerca de 30 R. Interd. v.6, n.4, p.1-10, out.nov.dez. 2013

milhões de novos casos de verrugas genitais diagnosticados.

Diante do exposto, observa-se grande avanço das DST's e como foco o HPV, merecendo uma atenção redobrada no âmbito da saúde pública. Por isso, optou-se por trabalhar esse tema no sentido de conhecer a percepção das pacientes frente ao diagnóstico positivo da doença. Com o intuito de proporcionar às mulheres portadoras de condiloma em tratamento de uma Maternidade Pública, uma oportunidade, esclarecimento e em especial, dar apoio em relação aos sentimentos aflorados a partir da confirmação da contaminação para trazer melhorias na saúde, orientando que sempre é necessário procurar os profissionais de saúde multidisciplinares atuantes na atenção básica para realização de consultas e condutas apropriadas.

O estudo do HPV é importante, por ser uma patologia silenciosa que acomete a Saúde da Mulher na atualidade. Desta forma questionamos qual a percepção das pacientes portadoras de HPV frente ao diagnóstico da doença? Com base nesta questão, este estudo tem como objeto a percepção das portadoras de HPV em relação ao diagnóstico da doença.

Na tentativa de responder a esse questionamento a cerca das pacientes portadoras de HPV frente ao diagnóstico da doença foram elaborados os seguintes objetivos: Descrever a percepção das portadoras de HPV em relação ao diagnóstico da doença e Analisar a percepção das portadoras de HPV em relação ao diagnóstico da doença.

O HPV é uma DST provocada por vírus que possui uma alta taxa infecciosa e que está crescendo acentuadamente e de forma anônima no âmbito social feminino. Estima-se que é um dos causadores do câncer de colo de útero, e por tratar-se de um problema de Saúde Pública, é importante que todos devam estar cientes dos riscos causados por ela.

Veloso, L. C; Silva, A. C; Silva, C. L. L. B.

Estima-se que grande parte dos indivíduos sexualmente ativos, irão adquirir algum tipo de HPV durante o curso da vida, e que um número grande de mulheres entrará em contato com algum tipo de HPV até os 50 anos de idade. Desta forma, este estudo será de extrema importância, para contribuir no esclarecimento, embasar discussões e propostas que auxiliem no trabalho preventivo de uma recontaminação em relação a esta doença.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo exploratório, com abordagem qualitativa, em que buscará conhecer a percepção das pacientes portadoras de HPV em relação ao diagnóstico da doença. Esse tipo de estudo designa nova visão e idéias sobre a situação apresentada, fazendo a correlação entre as causas e os efeitos com as pessoas selecionadas, fazendo restrição de caracterizar os objetivos com a busca por novas informações sobre o assunto (CERVO, BERVIAN, 2002).

Nos estudos qualitativos, os pesquisadores salientam os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, requerem abertura, flexibilidade, capacidade de observação e de interação com o grupo participante da pesquisa (MURTA, 2006).

O estudo foi realizado no ambulatório da Maternidade Dona Evangelina Rosa em Teresina-PI. Este local é referência de estudo no que diz respeito à Saúde da Mulher tanto no âmbito estadual quanto nacional. Possui profissionais capacitados a atuar diante do progresso das melhorias voltadas para a Saúde da Mulher, prestando serviços redirecionados ao ciclo vital feminino incluindo o atendimento à pacientes portadoras de DST's.

Os sujeitos da pesquisa foram 10 mulheres que estavam em tratamento por infecção do HPV, com idade de 20 a 29 anos. O número de participantes não foi inicialmente estabelecido, a inclusão aconteceu de forma progressiva, à medida que se percebia que novas informações eram acrescentadas pelo sujeito, obedecendo ao critério de saturação. Como critério de exclusão, considerou-se as pacientes gestantes com essa faixa etária, pois na gestação a imunidade da mulher sofre oscilações favorecendo a manifestação do vírus do HPV.

As participantes desse estudo, na sua maioria, estavam por concluir o ensino médio, maioria era casada, com no máximo 2 filhos e ocupação atual com renda possuíam faixa salarial entre meio a um salário mínimo.

Os dados foram produzidos nos meses de outubro e novembro de 2010. As entrevistas foram realizadas nos dias de atendimento das pacientes para o tratamento da doença, no ambulatório da Maternidade Dona Evangelina Rosa.

A produção de dados é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos (SILVA, 2005).

Utilizou-se como instrumento para a produção dos dados um roteiro de entrevista semi-estruturada composta de perguntas abertas e fechadas aplicados a cada um dos entrevistados durante a visita ao local de estudo.

Inicialmente as entrevistas foram gravadas em MP3 e transcritas na íntegra, respeitando a resolução n° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). A quantidade de entrevistas ocorreu de acordo com a saturação das falas das participantes, sendo estas analisadas e apresentadas em categorias como resultado da pesquisa.

Os dados foram ordenados e classificados. Para a ordenação foi realizadas a transcrição das

Veloso, L. C; Silva, A. C; Silva, C. L. L. B. entrevistas na íntegra, leitura e releitura do material, organização dos relatos em determinada ordem, o que já consiste numa iniciação da classificação. Para a classificação dos dados, foram realizadas leituras horizontais, onde se anotou as primeiras impressões dos do pesquisador, buscando coerência das informações obtidas. Na leitura realizada de forma transversal, realizamos buscas de forma a retirar de cada entrevista sentidos, conexões para assim poder agrupar tudo em um nível cada vez menor de unidades, buscando compreender e interpretar o que foi exposto como maior relevância e representatividade o grupo de pacientes em estudo (MINAYO, 2008).

A partir da análise realizada nos discursos dos sujeitos em estudo, de seus depoimentos e de suas percepções foi possível promover a formação das seguintes categorias:

Categoria 1: Percepção das pacientes em relação ao diagnóstico positivo para o HPV, na qual contem informações sobre como descobriram e sentimentos gerados a partir do diagnóstico positivo do HPV.

Categoria 2: Atitude frente ao diagnóstico do HPV, em que foi observado a importância de se ter um melhor conhecimento e esclarecimento sobre a doença, bem como buscar o tratamento adequado e eficaz.

Categoria 3: HPV x Câncer de Colo de Útero, nessa categoria mostrou a relação existente e o interesse pela procura de tratamento por se versar de um precursor de um possível câncer.

Essa pesquisa seguiu as normas obtidas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996), que se aplica a pesquisas realizadas com seres humanos.

A coleta dos dados teve início logo após a aprovação do Comitê de Ética de pesquisa da Maternidade Dona Evangelina Rosa de Teresina-PI.

Contudo contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

As informações obtidas após a leitura do material permitiu-nos a construção da percepção das mulheres com HPV em relação ao diagnóstico, pela observação de seus sentimentos e de suas angústias contribuindo na resolução dos objetivos propostos. As informações foram distribuídas em categorias para facilitar a compreensão do leitor.

Categoria 1: Percepção das pacientes em relação ao diagnóstico positivo para o HPV.

Todas as mulheres entrevistadas procuraram ajuda ao depararem-se com o resultado positivo para o HPV, pois tiveram logo curiosidade em saber dos riscos existentes em caso de não tratamento, ao tempo em que se preocuparam com a saúde como expectativa de vida. As reações emocionais como medo, preocupação, tristeza e preconceito foram as mais expostas pelas pacientes, como podemos perceber nas falas a seguir:

[...] fiquei com medo e constrangida assim, porque isso nunca tinha acontecido comigo [...] (P2).

[...] medo da reação da minha família, que o povo não sabe o que é, e ter preconceito, medo disso (P5).

Ah! Fiquei muito triste também, porque se no caso meu marido pegou aí fora de alguma pessoa, ele passou pra mim [...] (P6).

[...] eu fiquei triste e magoada sim! (lacrimejou) [...] (P9).

O medo é a emoção negativa mais comum para muitos, além ser um dos mais fortes delineadores da personalidade das pessoas, influenciando no que pensamos poder ou não fazer. Ainda pode ser evidenciado nos sujeitos,

Veloso, L. C.; Silva, A. C.; Silva, C. L. L. B. visto que o HPV, por ser sexualmente transmissível, pode levantar questionamentos como infidelidade e conduta sexual (QUEIROZ, 2005).

Para Passos (2000), o medo do prejulgamento dos indivíduos e da descoberta da família gera no portador dificuldades de compartilhar o sofrimento com familiares e amigos. Essa é uma questão que tem chamado a atenção, em mulheres com HPV, pois a preocupação não é somente com o impacto que o HPV pode ter em sua saúde ou em sua sexualidade, mas também com as repercussões do vírus no relacionamento afetivo com seu parceiro e com a própria família.

Ao serem informadas de que alguns tipos de HPV têm implicações na eminência do câncer de colo de útero, o medo foi um sentimento dominante, que provocou um estado de muita preocupação por ser uma doença invasiva e silenciosa e de tratamento obscuro.

Para Brandão (2003), o medo de ser portadora do HPV é também conviver com a dúvida, quando se discute sobre a evolução da doença, pois não é possível dar um prognóstico exato da patologia. A mulher encontra-se em maior grau de vulnerabilidade, não apenas biológica, mas também em razão de fatores socioeconômicos e psicossocial.

A tristeza é manifestada pela possibilidade de recidiva e pela possibilidade de traição do parceiro. A incerteza de não ficar curada é evidenciado pela tristeza, principalmente na fase do diagnóstico, assim como no tratamento, pois muitas vezes ele acontece de forma lenta trazendo um transtorno emocional.

Para Queiroz (2005), a dimensão de sentimentos, como a tristeza, se destaca através do imaginário, repercute na vida profissional, visto nas consultas semanais e no receio de prejudicar as conquistas amorosas. Essa sensação é também experimentada no momento de engajar a R. Interd. v.6, n.4, p.1-10, out.nov.dez. 2013

participação da família e dúvidas surgem diante de suas possíveis reações.

É importante reconhecer o fato de que a tristeza é um aspecto revelador de mágoas ou aflição, diante do perigo e de preparação para o que possa vir com o transcorrer das situações em estudo.

Ainda podemos ressaltar que o preconceito, a falta de informação, são características que acompanham o curso da doença. O fato de a manifestação ocorrer primeiro nas mulheres, proporciona a elas uma maior vulnerabilidade sobre decisões em suas vidas, como a reprodução.

Categoria 2: Atitude frente ao diagnóstico do HPV

Observamos que mediante o diagnóstico HPV positivo, as entrevistadas manifestaram vontade de buscar solução para a resolução do problema, como evidenciada nas falas a seguir:

[...] perguntei logo para o doutor como era o tratamento e se tinha cura para sempre. Tô vindo toda sexta-feira, sou a primeira que chego [...] (P4).

[...] quando o médico que sempre me acompanha me falou que eu tava com esse vírus, me mandou direto para fazer o tratamento...eu não faltei nenhum dia [...] (P5).

[...] soube do resultado e no dia seguinte já procurei o serviço aqui na maternidade para me tratar [...] (P7).

[...] na hora que o médico me disse fiquei assim sem saber o que fazer, mas depois tomei a decisão de me tratar aqui na maternidade [...] (P9).

O tratamento mais precocemente possível é tão importante quanto diagnosticar, principalmente por serem portadores de uma doença, que em muitos casos mostram ser assintomáticos.

Veloso, L. C; Silva, A. C; Silva, C. L. L. B.

O tratamento deve ser instituído no momento da consulta, com utilização de alguns fluxogramas desenvolvidos, testados e já validados, e que dispõem da possibilidade de tratamento e ruptura imediata da cadeia de transmissão. O objetivo do tratamento deve ser a remoção das verrugas visíveis. As recidivas são relativamente freqüentes, pois, mesmo com a destruição das lesões clínicas, não se consegue eliminar totalmente o vírus existente na área genital. Até o momento, não existem tratamentos para infecção latente por HPV. Na maioria dos casos, o próprio organismo se encarrega de eliminar o vírus (BRASIL, 2005).

Para tanto, são necessárias atividades de educação em saúde e/ou aconselhamento, capazes de proporcionar a percepção dos fatores de riscos associados, especialmente os relacionados aos comportamentos sexuais, que influencia diretamente na adesão da paciente ao tratamento. Essa questão surge quando a mulher toma conhecimento da infecção pelo HPV, fazendo-a buscar informações acerca dessa doença e auxiliando a disseminar os modos de prevenção entre as pessoas de seu relacionamento (QUEIROZ, 2005).

Nesse sentido, entendemos que o paciente deverá ser visto como um todo e como um ser, constituído por sentimentos, crenças, valores, aspectos determinantes das práticas de riscos e atitudes diante do tratamento descrito.

Categoria 3: HPV x Câncer de Colo de Útero

È sabido que mulheres portadoras de DST's apresentam um risco maior de obter um câncer cérvico-uterino, e devido aos riscos provocados pelas lesões, torna-se preocupante o não tratamento por parte das pacientes. O interesse pelo conhecimento e providências tomadas a partir do diagnóstico pode ser vista nas falas a seguir:

R. Interd. v.6, n.4, p.1-10, out.nov.dez. 2013

[...] se não tratar vira câncer de colo de útero na mulher e no homem de próstata. E se a pessoa não cuidar... [...] (P2).

[...] procurei saber o que era e vi que dá o câncer de colo no útero, quero continuar com o tratamento para ver se melhora [...] (P3).

[...] eu senti os caroços já fiquei preocupada, e quando soube que pode dá o câncer de colo, quase que morri... [...] (P6).

[...] fiquei péssima em saber que tava com uma doença que podia virar câncer de útero...fiquei sem dormir várias noites [...] (P10).

São vários os fatores de risco identificados para o desenvolvimento do câncer do colo de útero. Sendo que, alguns dos principais, estão associados às baixas condições de renda sócio-econômica, ao início muito cedo da atividade sexual, à multiplicidade de parceiros sexuais, ao tabagismo, à higiene íntima inadequada e ao uso prolongado de contraceptivos orais.

Segundo Brasil (2002), estudos recentes mostram ainda que o vírus do papiloma humano (HPV) tem um papel importante no desenvolvimento da neoplasia das células cervicais e na sua transformação em células cancerosas. Este vírus está presente em mais de 90% dos casos de câncer do colo do útero.

Ainda podemos ressaltar que para a maioria das pessoas que tem o HPV, as defesas do corpo são suficientes para eliminar o vírus. Entretanto, para outras, certos tipos de HPV podem desenvolver verrugas genitais ou alterações benignas no colo do útero. Logo nas mulheres que não conseguem eliminar certos tipos de vírus, mudanças anormais podem ocorrer no revestimento do colo do útero. Estas células anormais, se não forem detectadas ou tratadas, podem levar ao pré-câncer ou ao câncer (BRASIL, 2006).

Veloso, L. C; Silva, A. C; Silva, C. L. L. B.

A principal estratégia utilizada para detecção precoce da lesão precursora e diagnóstico precoce do câncer (prevenção secundária) no Brasil é através da realização do exame preventivo do câncer do colo do útero conhecido popularmente como exame de Papanicolaou. O exame pode ser realizado nas unidades de saúde que tenham profissionais da saúde capacitados para realizá-los (BELDA, 2009).

Diante desses achados, entendemos que se os resultados de um exame de Papanicolaou mostrarem que existem células cervicais anormais, é importante que essas mulheres siga as recomendações de seu médico para a execução de testes adicionais, tais como a repetição do exame de prevenção, exame do DNA do HPV, colposcopia e possível biópsia.

É fundamental que os serviços de saúde orientem sobre o que é e qual a importância do exame preventivo, pois a sua realização periódica permite reduzir a mortalidade por câncer do colo do útero na população de risco. É uma ação de política pública a realização de campanhas educativas, voltadas para a população e para os profissionais da saúde, para incentivar o exame preventivo contra a evolução do HPV para se não tratado chegar ao Câncer de Colo de Útero.

CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu-nos refletir que tratar de temas como DST's tem sido um desafio aos profissionais de saúde. O fato das mulheres portadoras de HPV mostrarem-se conhecedoras da doença, de sua forma de transmissão e do que podem causar, nos leva a deduzir que a conscientização da gravidade desta doença tem sido responsável pela elevada demanda nos serviços de saúde em atenção primária.

Na realidade, em decorrência da sua divulgação ainda de forma lenta pelos diversos meios de comunicação, integra-se aos problemas R. Interd. v.6, n.4, p.1-10, out.nov.dez. 2013

de saúde pública, os sentimentos gerados nas mulheres a partir do diagnóstico positivo, que nos levou a ter preocupação, não só como futuros profissionais de saúde, mais como ser humano.

Quando desenvolvida a temática relacionada às reações emocionais, observamos que todos esses sentimentos tinham características bem desenvolvidas e esclarecidas que iam desde medo sobre o conhecimento aprofundado da doença como precursora do câncer, causando tristeza e preocupação, até o desenvolvimento de preconceito, ora por parte de seus parceiros, ora de seus próprios familiares.

Desta forma observa-se que a promoção do diagnóstico precoce da infecção pelo HPV, é uma importante ação para o controle da transmissão e pode ser conseguida por meio de um trabalho eficaz por parte da enfermagem, no que diz respeito à constante informação para a população em geral e aconselhamentos. A educação em saúde visa relacionar a qualidade e o compromisso com a vida devendo comprometer-se a assistir e orientar à população em geral.

Diante deste problema, os gestores públicos e a sociedade como todo, deveriam participar no controle promovendo ações de acesso facilitado ao serviço como: aquisição de medicamentos, utilização de laboratórios, compra de mais preservativos, formando grupos de apoio.

Com isso, notamos que as políticas em desenvolvimento nas ações de saúde da mulher, merecem maior reforço de atenção aos aspectos psicológicos. E requer maior divulgação das DST's e nas intervenções a serem aplicadas com a finalidade de combater ou até mesmo controlar em todos os aspectos que demanda a doença.

Contudo, desejamos com essa pesquisa, demonstrar que a Saúde da Mulher, através do exame papanicolaou ou citologia oncológica e da própria sensibilização quanto ao uso de preservativos na relação sexual constituem formas de minimizar o contágio dessas DST's em estudo e

Veloso, L. C; Silva, A. C; Silva, C. L. L. B. como resposta, possa melhorar as condições de saúde sexual e de uma forma geral.

Os depoimentos evidenciados neste estudo nos levam a refletir sobre o sofrimento das mulheres portadoras do HPV, principalmente por serem mulheres inseridas em um contexto sócio-econômico baixo, que refletem através de seus sentimentos baixa auto-estima para conviver com essa doença.

Fica a certeza de que os esforços no sentido de quebrar a cadeia de transmissão do HPV, apenas se iniciam. Muito há de se fazer para alcançar uma mudança de comportamento social, que garanta o exercício de uma sexualidade segura. Essa é uma conquista, acreditamos e desejamos que seja de todos e não só daqueles profissionais de saúde que trabalham com esta visão.

REFERÊNCIA

AZEVEDO, V. N. G. et al. Frequência das neoplasias intraepiteliais cervicais em mulheres portadoras do vírus da imunodeficiência humana adquirida. *Revista Paraense de Medicina*. Pará, v.20, n.2, p. 513-521, 2006.

BELDA, J. R.W. *Doenças sexualmente transmissíveis*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009.

BRANDÃO, M.L., VIANNA, D.M., MASSON, S, SANTOS, J. Organização neural de diferentes tipos de medo e suas implicações na ansiedade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 25, n.2, p. 36-40, 2003.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196 de 10 de outubro de 1996** - Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

_____, Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer (INCA). **Ações de enfermagem para o controle do câncer: uma proposta de integração ensino-serviço**. 2. ed. Rio de Janeiro; 2002.

_____, Secretária de Vigilância em Saúde. **Manual do controle das doenças sexualmente transmissíveis**. Brasília, 2005.

_____, Ministério da Saúde. **Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis DST**. Brasília, 2006.

CAMPOS, S. **Ginecologia/Mulher/HPV - papilomavírus**, 2003. Disponível em: <<http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/7471>>. Acesso em: 24 Abr. 2010.

CARVALHO, M. N. et al. Puberdade precoce: a experiência de um ambulatório de Ginecologia Infanto-Puberal. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, fev.2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 05 dez 2010.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. ed. 5. São Paulo: Prendice Hall, 2002.

PALO, G.; STEFANON, B.; OTTI, S. Infecção pelo Papiloma Virus. In: PALO, G. **Colposcopia e patologia do trato genital inferior**. Rio de Janeiro: Médica e científica, 1993.

ELUF NETO, J. A vacina contra o papilomavírus humano. *Revista Brasileira Epidemiologia*, v.11, n. 3, p. 521-523, 2008. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1415-790X2008000300021&script=sci_arttext> Acesso em: 01 Maio 2010.

FEBRASGO. Federação Brasileira Das Sociedades De Ginecologia E Obstetrícia. Projetos Diretrizes. Associação Médica Brasileira e Conselho Federal de Medicina. **Papilomavírus Humano (HPV): Diagnóstico e Tratamento**, v. 12, n. 4, p.6-9, 2002. Disponível em: <http://www.projetodiretrizes.org.br/projeto_dirtrizes/079.pdf>. Acesso em: 24 Abr. 2010.

FREITAS, F. et al. **Doenças Sexualmente Transmissíveis. Rotinas em ginecologia**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MURTA, G.F. **Saberes e Práticas: Guia para ensino e aprendizado de enfermagem**. 4. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, p. 415-416, 2008.

NICOLAU, S. M. **Papilomavírus humano (HPV): diagnóstico e tratamento**. Brasília: Federação Brasileira Das Sociedades De Ginecologia E Obstetrícia, 2002.

Veloso, L. C.; Silva, A. C.; Silva, C. L. L. B. OLIVEIRA, M. D. C. **Vacina contra o câncer do colo do útero HPV**, 2008. Disponível em: <http://www.imunity.com.br/artigo_vacinahpv.html>. Acesso em: 04 Maio 2010.

PASSOS, M. R. L. Fatores que interferem na prevenção de DST/Aids. **Jornal Brasileiro de Doenças Transmissíveis**. v. 11, n. 3, p.3-20, 2000.

PIAUÍ - Secretaria de Saúde do Piauí. **Maternidade Dona Evangelina Rosa**: MDER. Teresina: SESAPI, 2010. Disponível em: <<http://www.saude.pi.gov.br/mder.asp>>. Acesso em: 10 Out 2010.

QUEIROZ, D. T.; PESSOA, S. M.; SOUSA, R. A. Infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV): incertezas e desafios. **Acta paulista de Enfermagem**, v.18, n. 2, p. 190-196,2008. Disponível em: <www.scielo.br/scieloOrg/php/reference.php> Acesso em: 11 Nov 2010.

RAMA, C. H. et al. Prevalência do HPV em mulheres rastreadas para o câncer cervical. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo. v. 42, n.1, p. 123-130. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n1/6028.pdf>> Acesso em: 04 Maio 2010.

RAMOS, S. P. **HPV papilomavírus**. 2006. Disponível em: [HTTP://www.gineco.com.br/hpvum.htm](http://www.gineco.com.br/hpvum.htm). Acesso em: 05 de dez 2010.

ROSA, M. I. et al. Papilomavírus humano e neoplasia cervical. **Cadernos da Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, 2009.

SILVA, M. A. F. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2005.

SMELTZER, E.; BARE, S. **Tratado de Enfermagem médico-cirúrgico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

TRABULSI, L. R.; ALTERTHUM, F. **Microbiologia**. 4. ed. São Paulo: Atheneu, 2006.

Submissão: 15/11/2012

Aprovação: 15/09/2013